FLUXO DE INÉRCIA

© 2026 Gilmar Ferrari Filho

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida, por qualquer meio ou processo, eletrônico, mecânico, fotográfico, fonográfico ou outro, sem a autorização prévia e expressa do autor, ressalvadas as utilizações permitidas pela legislação vigente.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações, acontecimentos e situações são produtos da imaginação do autor ou foram utilizados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com pessoas, instituições ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Título: *Fluxo de Inércia*
Autor: Gilmar Ferrari Filho
Edição: 1ª edição
Ano de publicação: 2026
Revisão: Gilmar Ferrari Filho
Publicação independente
ISBN: 9798190667608

Foi um processo limpo. Afinal de contas, a coisa simplesmente se fez por ela mesma, sem sujeira. Lembro-me de estar escrevendo e, em questão de minutos, a luz que me iluminava já não era mais a mesma. O ponteiro do relógio, nessa altura, havia finalmente parado. Depois de tantas iterações executadas a meio passo, também ele escolhera se distanciar do movimento.

1

Ainda agora, Ela havia voltado. Não batera na porta, nem sequer avisara que iria chegar; apenas entrara. Ela tinha as chaves, de qualquer modo. Eu nada podia fazer. De nada adiantaria trocar a fechadura da porta; Ela conhecia o chaveiro. Seria igualmente inútil barrar a entrada; Ela encontraria outra forma de se colocar porta adentro. Mudar de cidade? De fato, eu poderia. Mas Ela me encontraria nos confins do Inferno se fosse preciso. Imprevisível? Ela certamente era. Ia e vinha quando bem quisesse; se instalava em um canto qualquer e não dizia por quanto tempo iria ficar. Às vezes, permanecia por apenas dez ou quinze minutos e, subitamente, ia-se embora. Outras, no entanto, infiltrava-se como um rato no buraco mofado da cozinha, e assim permanecia por semanas ou mesmo meses, latente.

Em todo caso, sua chegada nunca passava despercebida. Onde quer que eu estivesse, a partir do momento em que Ela atravessasse o limiar da porta, adentrando aquele espaço confinado, eu seria inevitavelmente envolvido pelo mal-estar que Ela trazia consigo, atado dos pés à cabeça pelas amarras que Ela sempre dava um jeito de executar. Eu fecharia inutilmente os olhos, como sempre, e tentaria ignorá-la, dizendo a mim mesmo que era eu quem estava no controle, e que nada poderia me afetar. Mas sua insuportável presença, sufocante e dilacerante existência, não tardaria a provar que a minha ação não passava de um ato patético.

2

Não sou o herói de nenhuma história. Sou um homem sem família, sem dinheiro, profissionalmente frustrado e, para dizer o mínimo, sexualmente inativo. Recentemente, adotei o hábito de usar a mesma roupa durante toda a semana e de não a lavar mais do que uma vez por mês. Tomo banho a cada três dias, o que me poupa não apenas dois terços de água, mas também estende notavelmente a duração do sabonete. É verdade que fico seboso durante esses intervalos, mas isso não me incomoda nem um pouco.

Sou o tipo de escritor que reescreve o mesmo parágrafo mais ou menos umas quinze vezes, de modo que a versão final em nada se parece com a primeira, e, ainda assim, consegue ser tão ruim quanto. Prova disso é que nunca vendi mais do que cinco exemplares de um livro. Na verdade, nunca vendi mais do que um, dado que quatro dos cinco vendidos tiveram a solicitação de reembolso registrada ainda na primeira semana da compra.

Além disso, sou o tipo de pessoa que ensaia as interações sociais, a fim de prever exatamente o que dizer, como responder e de que modo agir. Dominar o jogo das aparências, esse é o objetivo. Isso faz de mim um manipulador? É óbvio que não. Um manipulador teria sucesso nas suas empreitadas. Já eu perco o controle logo que a conversa vai além do “Bom dia”.

A parte boa é que eu sou um homem conhecido. Cobiçado, mesmo. Os agiotas com os quais eu peguei empréstimo me procuram toda semana. Tenho dívidas que partem do salário de um promotor de justiça até o valor de

uma cobertura a cem metros do mar. Nada é mais reconfortante do que dever uma piscina de dinheiro enquanto se teme pela própria vida.

3

Logo que Ela entrou, minha vitalidade foi como que bruscamente sugada. Ou talvez tenha se aventurado corpo afora, como um cão rebelde que se desfaz da coleira? Não sei dizer. Sempre presumi ser o mestre de mim mesmo, e até interpretava, de quando em quando, o papel de um deus nesse mundo que eu achava ser meu. Grande tolo era eu! Se Ela brincava com a minha estupidez, com a minha imensa ignorância, era porque sabia ser Ela quem regulava o nó da minha gravata. Ela me permitia um momento de suspiro durante os seus hiatos, me fazendo inclusive acreditar que eu havia retomado a dianteira. E então, Ela retornava, sorridente, debochada, como a desgraça de um câncer que não quer ser chamado a curar.

É curioso. Pensando agora, eu nunca imaginei que, em uma fração de instante, se pudesse invalidar um homem. Derrubá-lo não física ou socialmente, mas acossá-lo de tal modo em sua própria mente que a um estado de substantivo simples ele fosse reduzido. Porque um homem sem ação, um homem estagnado, um homem que nada consegue fazer e nada consegue sentir, francamente, não passa de um objeto inanimado.

Assim, enquanto eu bebia a minha xícara de café, sentindo apenas uma azia crescente e não mais aquele sabor

que outrora me fora agradável, eu também tomava, gole a gole, consciência da inevitável fatalidade na qual eu agora estava inserido.

Um minuto mais tarde, fui sugado do meu pensamento por um insensato homem inoportuno que decidiu utilizar o martelo no meio da madrugada. Um martelar seco e preciso, cadenciado, objetivo. Não consigo pensar em outro motivo para desempenhar tal ação senão para perturbar o vizinho.

Decidi ir me deitar. Coloquei a xícara na pia e cuspi o resto do café que havia ficado preso no fundo da boca. A garganta simplesmente não queria deixá-lo passar, como se no interior de mim estivesse ocorrendo uma sorte de revolta. Eu sentia que a qualquer momento chegaria para o cérebro uma petição assinada por vinte e tantos outros órgãos, defendendo o bloqueio das vias. Era algo compreensível, no entanto. Isso é inegável. Não culpo a garganta por construir uma barricada. Que atire a primeira pedra quem nunca quis erguer uma cerca para impedir que o cachorro folgado do vizinho viesse urinar na sua horta.

Já no corredor, senti o mau-humor se intensificar. Tudo ao redor de mim assumiu um aspecto insuportável. Mesmo o ato de caminhar me causava uma certa aversão. No fim, sentei-me ali mesmo, meio que bufando, pus as costas na parede e repeti aquele ato frívolo de fechar os olhos e tentar esquecer, de alguma forma, que Ela havia voltado.

4

Já era tarde quando acordei. Por incrível que pareça, eu dormira ali mesmo, encolhido em um corredor cuja estreiteza não era maior do que a minha fortuna no banco. Levantei-me e fui para a sala, que era também a cozinha e o banheiro, dada a miudeza do apartamento e a inexistência de uma divisória entre os cômodos. Sentar-se diante da escrivaninha, como agora eu fazia, era também ter o privilégio de poder contemplar de frente o vaso sanitário.

Já por volta das quatorze horas, devia estar fazendo em torno de trinta e nove graus, penso eu. A sensação era de estar sendo sufocado de dentro para fora. O suor literalmente brotava pelas têmporas e escorria lentamente pela lateral da cabeça, até enfim chegar nos limites da mandíbula e, como uma bala de chumbo, deixar-se cair sobre o tampo da mesa. Já nos braços e em parte do peito, era como se uma ardência intensa e borbulhante se formasse logo abaixo da epiderme e ali permanecesse estagnada.

Olhando pela janela, era possível enxergar um vibrante céu azul, preenchido aqui e ali por nuvens borradas, “rabos de galo”, como dizia o pintor. Segundo ele, isso era sinal de que viria chuva; porém a chuva há muito tempo se recusava a aparecer. E mesmo que ela viesse, com o calor que estava fazendo, seria provável que ela se dissipasse no ar, evaporando antes mesmo de conseguir tocar o chão.

Fiquei ainda um bom tempo naquela posição, paralisado na poltrona, alternando o olhar entre a janela à minha esquerda e as gotas de suor que se acumulavam no tampo da escrivaninha. Enquanto o tempo diminuía o passo e o tic-tac

do relógio preenchia o silêncio, uma certa imagem começou a ser esboçada diante dos meus olhos. Pensamentos passageiros, carregando as suas maletas, desciam e embarcavam na estação da minha mente. Nenhum deles aparentava querer ficar, mesmo os mais inúteis e que em outro momento seriam considerados indesejáveis, como se essa fosse apenas uma conexão necessária entre o seu ponto de origem e o seu destino tão desejado. Eles vinham de um lugar desconhecido e partiriam para um endereço igualmente incógnito. O meu trabalho (e que trabalho!) era ser simplesmente a ponte entre esses dois mundos. A cada trem que chegava, lançando as ondas sonoras de seu apito marcante no ar, um lote desgovernado de transeuntes amorfos desembarcava, e os que estavam na plataforma subiam com avidez e assim partiam, sem nem sequer lançar um olhar para trás ou mesmo deixar um resquício de sua existência. A multidão que havia chegado então fazia o que é mais próprio dela, iniciava um burburinho incompreensível, descompassado e absurdamente atordoante. Assim que um novo trem chegava, o processo se repetia. Passaram-se cinco, dez, quinze, vinte e cinco, quarenta e oito, cinquenta e seis, setenta e nove, oitenta e três, cento e doze trens. Nada mudava.

Foi então que o telefone tocou. Já no primeiro movimento do martelinho contra o sino, a estação esvaiu-se, como uma transição abrupta do dia para a noite ou de uma cena de ação para uma cena dramática, levando consigo todos os seus transeuntes. Meio que a contragosto, tirei o telefone do gancho e atendi.

Para a minha surpresa, a pessoa que me ligara não queria falar comigo. Perguntei então quem seria o destinatário da

ligação. O sujeito respondeu, mas, por algum motivo, eu não compreendi as palavras dele, por mais claras que fossem. Perguntei mais duas ou três vezes e, novamente, em nenhuma delas fui capaz de entender a mensagem. Parecia apenas um fluxo intenso de abstração, como se houvesse uma barreira na minha mente que me impossibilitasse de ouvir corretamente o que quer que fosse que o sujeito do outro lado da linha dizia.

Comecei a sentir uma certa impaciência, um incômodo, sentimento que passou a ser claramente visível através da descarga de ansiedade que de mim tomou posse. Passei então a me contorcer, a cerrar os punhos, a apertar os dentes e a dobrar os pés, indício claro de que aquele incômodo borbulhava em meu interior, justamente como a ardência que eu sentia debaixo da pele. Perguntei mais uma vez ao sujeito com quem ele desejava falar, não sem inevitavelmente deixar transparecer a minha irritação. Dessa vez, enfim, não recebi mais aquela frase incompreensível, apenas um zumbido agudo e ensurdecedor, que durou não mais que uns poucos segundos, sendo gradualmente sucedido pelo som da ligação que havia sido finalizada.

Coloquei o telefone novamente no gancho e recostei-me na poltrona. Em pouco mais de um minuto, eu já havia esquecido toda aquela estranha situação.

Deixei os olhos perambularem pelo cômodo. Mais uma vez, o tempo não passava. O tic-tac do relógio diminuiu novamente o ritmo, e agora parecia acontecer apenas a cada três ou quatro segundos. Olhei para o ponteiro, aquele ponteiro vermelho, absurdamente vermelho, um vermelho que penetrava nos olhos e, de alguma forma, preenchia a mente. Subitamente, associei o vermelho à infância.

Lembrei-me das ocasiões em que papai nos levava para acampar, e, sentados ao redor de uma fogueira, nós tocávamos violão e contávamos estórias. E lá, lá o tempo não existia. Ou então dos momentos em que eu corria livremente pela mata, de pés descalços; escalava as árvores, mergulhava no riacho, me debruçava na lama, como se nada importasse, como se não houvesse amanhã. Lá, igualmente, o tempo não existia. Mas agora, agora ele se mostrava presente, grave, severo; agora ele agia como aquela gente do banco, cobrando juros altíssimos sobre a dívida que eu fizera no passado.

Quando finalmente a nuvem daquelas lembranças se foi, não pude deixar de abrir a gaveta da escrivaninha e, embaixo de uma papelada inútil, de lá tirar um quadro empoeirado. Nele, era possível enxergar uma velha fotografia da nossa família, onde eu, ainda miúdo, estava no centro, à direita de meu pai, à esquerda de minha mãe. Era uma recordação de um tempo que não mais existia, e que jamais voltaria a existir. Meus pais estavam enterrados sob quilos de terra, e suas carnes provavelmente pelos vermes já haviam sido roídas, assim como as traças agora devoravam a fotografia do que uma vez fora a captura de um instante. Bem ali, nas minhas mãos, diante dos meus olhos, sem qualquer consideração, elas consumiam a matéria, fatalmente apagando qualquer evidência tangível de um passado que por mim certamente seria esquecido.

5

Antes de mais nada, é preciso deixar bem claro que eu sou um homem inocente. Nada na minha jornada aponta para o contrário. Podem dizer o que quiserem, que sou sujo, que sou ocioso, que sou estranho, mas não podem negar que sou uma pessoa sensata, honesta. Autoindulgente? Jamais. Sou direto e preciso, rigoroso e assertivo, mesmo com aquilo que me fere.

Se digo isso, é porque prevejo uma certa desconfiança em relação a mim, tendo em vista aquilo que direi na sequência.

Fato é que, na semana passada, algo aconteceu. Não sei dizer o que, exatamente. Tudo o que eu me lembro é que, às três horas da manhã de uma terça-feira, em meio à garoa, eu estava ao pé de uma árvore qualquer, com as mãos cobertas de terra, sentado sobre um buraco que eu acabara de tampar.

O que havia ali? Eu não saberia dizer.

Dois dias depois, já ao nascer o sol, li no jornal a mais recente notícia: um diplomata sueco, que viera passar alguns dias em nossa cidade, estava desaparecido desde a penúltima segunda-feira. Segundo a reportagem (muito mal escrita, a propósito), ele saíra do Magnólia por volta das vinte e duas horas e não retornara para o hotel.

Parece que eu estou insinuando ter feito algo. Nada disso. Como eu disse antes, sou um homem inocente, e já imaginava que, pelo *timing* dos eventos, minha narrativa seria tomada como duvidosa. Pois se menciono os dois fatos na sequência, é porque sei que isso também será visto pela polícia como suspeito. E como qualquer pessoa não culpada,

eu me antecipo à suspeita, apresento os fatos antes da acusação e mostro as evidências de defesa antes mesmo de a investigação ser formalizada.

Às vezes, dois eventos aparentemente conectados ocorrem com certa proximidade, porém não têm qualquer ligação entre si. Este é um exemplo perfeito.

A questão é que, para sequestrar um diplomata, é preciso ter audácia, recursos e, principalmente, um motivo — coisa que eu, um homem inerte, claramente não tenho.

6

Hoje cedo fui caminhar pela cidade. Nada de novo. Quer dizer, acho que teve, mas não tenho certeza. Pelo que parece, a doença do silício atingiu um novo patamar desde a minha última aventura porta afora. Realmente não me recordo se já antes ela era capaz de afetar as crianças. Em todo caso, agora afeta, e de um modo um tanto brutal. Quando eu estava no mercado, na seção dos peixes, vi uma mãe empurrando um carrinho de compras com uma menininha sentada dentro. As duas estavam infectadas. Não sei bem qual era o estágio em que estava a criança, porém creio que fosse semelhante ao da mãe. Embora eu não seja exatamente um homem de compaixão, naquele instante, eu senti pena da pequena. Estava claro que não demoraria muito até que o silício tomasse por completo o cérebro dela.

Naquele mesmo jornal de ontem, li que novos estudos apontam que o convívio com pessoas infectadas pela doença intensifica a chance de contração. Ainda não se sabe ao certo

como ela é transmitida, mas já descartaram a possibilidade de propagação pelo ar ou por contato direto. Parece também que a infecção não é imediata. “É preciso que haja uma exposição recorrente ao silício”, afirmam os cientistas. Há hipóteses que sugerem a existência de algum tipo de engenharia subjacente, como se o parasita fosse dotado de algum tipo de inteligência, sendo capaz de analisar a vida do prospect e assim seduzi-lo mais facilmente, tornando-o hospedeiro permanente. De qualquer modo, são apenas hipóteses.

Depois que saí do mercado, pensei em dar uma volta pelo parque. Há um pequeno pedaço na ponta sudoeste, logo depois da fonte dos cupidos, que é coberto por samambaias. Gosto de passar um tempo ali de vez em quando, especialmente em dias frios como hoje, observando a crua maneira com a qual o vaivém do vento faz elas dançarem desordenadamente, aproximando-se e afastando-se umas das outras, como um conjunto de ondas vivas e verdes que se entrechocam de um modo pacífico.

Curioso é que essa cena, tão natural em essência, se desenrola diante dos meus olhos com o mesmo peso de uma peça dramática. Quase que por circunstância, as samambaias dançantes desencadeiam uma sorte de viagem ao pensamento reflexivo, se fundindo ao horizonte à medida que o olhar se põe a borrar os arredores. Nesses efêmeros minutos, eu me pergunto se, em algum momento da história, o ser humano já viveu assim, contemplando samambaias. Questiono-me qual teria sido o verdadeiro estado de natureza da espécie humana, muito antes da chegada do silício ou da descoberta da eletricidade. Reflito sobre a banalidade da vida cotidiana, repleta de burocracia,

escadinhas do poder e encenações articuladas. Pondero mesmo sobre a futilidade da papelada legal, da vestimenta bem cortada, da casa encerada, do carro polido, da face maquiada, da barba aparada, da unha pintada, do cargo importante, da fotografia marcante. A lista de coisas e atos notáveis se expande, minuto após minuto. Enquanto isso, eu observo samambaias.

É estranho, eu admito. Pois tão logo o devaneio se esvai, uma sensação de vertigem começa a bater na porta. É o mundo que me cobra na moeda local. Não se pode produzir açúcar, dizem eles, em uma terra que só aceita sal. Nisso, o conteúdo daquele instante de introspecção, recém selado, já não é mais o mesmo.

É desestimulante, para falar a verdade. Saber que o fruto de um labor intelectual intenso será subitamente extirpado do jardim que o criou é como remover o filho dos braços da mãe que acabou de pari-lo. Infelizmente, esse é o preço que se paga por ser uma lagarta no meio de um formigueiro.

7

A reportagem de hoje trazia fotografias. Não sei quem autorizou a publicação; talvez ninguém tenha se dado ao trabalho de pensar nisso, ou talvez, mais provavelmente, já não haja mais nada que precise de autorização quando se trata do silício. Nas imagens, um homem de meia-idade, sentado num banco de praça, encarava um ponto fixo no vazio, a boca entreaberta, como se aguardasse uma resposta que a própria pergunta já havia esquecido de formular. Ao

lado dele, uma placa da prefeitura pedia que os cidadãos “evitassem contato prolongado” com indivíduos em estágio avançado. Prolongado. Que palavra generosa para descrever o simples ato de olhar para outro ser humano por mais de dez segundos.

Reli a notícia três vezes. Da primeira, entendi que o número de casos havia dobrado desde o mês passado. Da segunda, que as autoridades já cogitavam isolar bairros inteiros. Da terceira, nada. As palavras simplesmente perderam o sentido, como acontece quando se repete um nome várias vezes seguidas até ele soar estranho aos próprios ouvidos.

Dobrei o jornal e o coloquei debaixo da perna da mesa, que mancava desde que me mudei para o apartamento. Ao menos para isso ainda servia.

8

Passei a manhã inteira em frente ao espelho do banheiro, examinando o branco dos meus olhos. Não sei bem o que eu esperava encontrar ali — talvez um brilho acinzentado, talvez uma rigidez na íris que denunciasse o avanço silencioso de alguma coisa que eu mesmo não saberia nomear. Não vi nada. Ou talvez tenha visto e simplesmente não soubesse reconhecer.

É estranho como a mente, uma vez instruída a procurar por sintomas, os encontra em qualquer lugar. Um formigamento na nuca, que há uma semana eu atribuiria ao colchão velho, agora me parecia prova irrefutável. Uma leve

dor atrás do olho esquerdo, prova dupla. Reparei também que, ultimamente, as pessoas na rua sussurravam mais do que o habitual — ou talvez sussurrassem na mesma frequência de sempre e eu apenas tivesse me tornado mais atento a elas, o que, convenhamos, dá quase na mesma coisa.

Aquela mãe do mercado, com a menininha no carrinho — fiquei imaginando se ela também suspeitara de si mesma antes de admitir a evidência aos outros, ou se a doença chega sempre pelos outros primeiro, como um boato, e só depois se instala em quem a nega.

9

Acabei de abrir o porta-malas do carro para calibrar o estepe. Fechei-o imediatamente. Eu não queria acreditar no que havia visto. O rapaz que abastecia na bomba ao lado me olhou de um modo estranho, meio que confuso. Perguntou se eu precisava de ajuda, e eu me apressei em dizer que não. Talvez eu tenha colocado muita intensidade nessa resposta categórica. No entanto, já não importa mais.

Esperei que ele fosse embora e abri novamente o porta-malas, dessa vez com um pouco mais de cautela. Quando os meus olhos confirmaram aquilo que eu havia visto antes, fui tomado por uma descarga de pânico. Eu não conseguia me mover. As minhas pernas congelaram, os meus braços ficaram petrificados. No momento em que enfim consegui retomar o controle, fechei a tampa traseira de um só golpe.

Dez segundos mais tarde, eu estava vomitando ali mesmo.

No final daquele dia, fiz uma parada no supermercado para comprar um galão de alvejante. Considerei ser prudente levar logo um de cinco litros.

10

Coisa bizarra. Justo hoje, tive aquele sonho novamente. O mais estranho é que foi exatamente igual àquele da última vez. Eu caminhava sozinho por um cemitério, meio que perdido, creio eu. Havia uma infinidade de túmulos, alguns distintos, porém todos marcados com nomes de pessoas por mim desconhecidas. Eu ia de um lado para o outro, bestamente, tentando entender o porquê de eu estar ali. Descendo em direção ao final do cemitério, percebi que ele terminava abruptamente em uma floresta, cujo terreno complementava a inclinação do anterior. Decidi seguir em frente. Ainda uns poucos passos floresta adentro, de distância em distância, havia algumas lápides, meio que soterradas. Parecia ser uma parte do cemitério que fora gradualmente engolida pela mata ao longo dos anos. À medida que eu avançava, o terreno se tornava mais acidentado. Já não era mais terra firme que eu tinha sob os pés, apenas uma lama escorregadia, entremeada às folhas secas, e um rastro estranhamente peculiar ao longo do trajeto. Ao final de uns oitocentos metros, enfim cheguei a um local aberto. Vinte passos adiante, havia um abismo; uma lacuna tão profunda que nem o ponto mais baixo podia ser visto, apenas um pretume opaco. Na outra margem do precipício, havia uma enorme estrutura de madeira, que

aparentava ser uma igreja. Logo acima, em um céu completamente cinza, gralhas voavam em círculo. Ao redor da estrutura, algumas pedras disformes e o capim rasteiro preenchiam um terreno além disso vazio. Ligando os dois lados, havia uma precária pinguela, cujos cabos de aço estavam extremamente enferrujados. Diante dela, do lado de cá, havia um homem de cabelo loiro e sobretudo preto. Fui até ele. Lá chegando, cumprimentei-o e, sem saber o porquê, perguntei que horas eram. Estranhamente, ele levantou a perna direita e carimbou com toda a força o solado do pé no meu peito, derrubando-me no abismo, assim como da última vez. Eu acordei inquieto, como se estivesse em queda livre.

De alguma forma, esse sonho me fez lembrar de um detalhe que eu possivelmente suprimira da minha mente. Naquela maldita madrugada em que eu estivera diante do buraco, recordo-me vagamente de tentar apagar o rastro de algo no percurso da trilha. Fora lá que eu largara a minha pá.

Por quê?

11

Faz mais de duas semanas desde o desaparecimento do diplomata. Duas semanas, e a polícia ainda não conectou o crime a ninguém. Sublinho o *ainda*. Creio que seja apenas uma questão de tempo até que encontrem algo. Nenhuma ação pode ser totalmente encoberta. Algum detalhe sempre fica para trás. Às vezes, esse detalhe é a desgraça de uma pá.

Mas talvez o fato de ainda não terem encontrado nada diga muito. Talvez eu seja inocente, como afirmei

anteriormente. I-no-cen-te. Mas como explicar a minha presença naquele local, na madrugada após o desaparecimento do diplomata assassinado? E o tal rastro que subitamente me viera à lembrança? Pior ainda: e o porta-malas do carro? Como explicar aquele... entrevero?

“Talvez eu tenha matado um cervo”, pensei, “e o tenha enfiado no porta-malas.” Até porque aquelas tripas bem poderiam ser de um animal silvestre. Pensando melhor, é bem provável que sejam de um animal silvestre.

12

Hoje, o céu amanheceu pálido, inexpressivo. Entre árvores desfolhadas, calçadas úmidas e transeuntes amorfos passeando com seus cães sarnentos, o gosto amargo de mais uma segunda-feira qualquer marcava o início de um novo mês. Agosto enfim começara. Quanto a mim, restava apenas uma expectativa banal de que o dia se fizesse mais gentil do que a noite. Novamente, passei a madrugada inteira transtornado por uma única dúvida, perturbado por uma simples pergunta que se recusava a entrar em dormência: “Cometi ou não o crime?”

— Café? — perguntou a garçonete.

Ergui a cabeça de solavanco. Meu olhar deu de encontro com aquelas duas esmeraldas reluzentes, lindos olhos verdes, vibrantes como o céu de uma linda tarde ensolarada, decisivos e intensos como o canto da corruíra na primeira semana de primavera; eram meigos e delicados como uma pequena flor de jasmim; roliços, reluzentes, estonteantes,

embriagantes, vertiginosos, espessos, suculentos, carnudos, com gosto de...

— Sim, obrigado — respondi.

Ela encheu a minha xícara e seguiu adiante, não sem antes deixar transparecer um sorriso (e que sorriso!). Ela tinha a arcada dentária superior levemente inclinada para dentro. Não sei bem o porquê, mas eu vejo um charme tão grande nisso.

Permiti-me um instante de pausa para limpar a mente e, com sorte, fazer o nível de adrenalina baixar.

Ao longe, um grupo de caminhoneiros exagerava no tom da gargalhada, e acabava de ser repreendido por uma velha senhora cujo marido estava imerso em um torpor sem igual. Atrás de mim, alguns jovens fofocavam qualquer coisa à meia voz, com risadinhas infantis do tipo “hihihi” ou “kikiki” — coisa irritante. Na cozinha, alguém acabava de levar um sermão por quebrar uma pilha de pratos. Em meio a todo esse colapso, bebi um gole de café.

Realmente, não sei onde eu estava com a cabeça. Ter esse tipo de pensamento fora de casa, rodeado de pessoas... E se eu viesse a fazer alguma peripécia? Ah, mas aquele sorriso... Tão doce, tão arrebatador, tão... Basta! Vou acabar me denunciando. É preciso parar de pensar. Mas como é que se cala um pensamento? Tal coisa é sequer possível?

Decidi abandonar o café e ir para casa.

13

Encontrei o livro de Pearl enfiado atrás da estante, onde eu certamente o havia esquecido depois de alguma mudança de apartamento — foram tantas nos últimos anos que já perdi a conta. Não me lembro de tê-lo comprado. Talvez tenha sido um presente, ou um achado de sebo, ou simplesmente um objeto que sempre esteve ali, me esperando pacientemente, como certos móveis parecem fazer.

De qualquer modo, tratava-se do último livro que Pearl escrevera na vida. A capa, gasta nas bordas, ainda trazia o nome em letras douradas quase apagadas. Abri na primeira página, mais por hábito do que por interesse. A trama, se é que existe uma, é composta majoritariamente por diálogos entre dois homens: um pintor fracassado e um capitalista bem-sucedido, discutindo trivialidades em um bar qualquer. Não há aventura, não há crime, não há mistério algum. Apenas os dois, entediados, trocando farpas.

Na passagem de hoje, o capitalista se recusava a pagar a própria parte da conta, alegando que o pintor “vivia de favores e deveria, portanto, retribuir com gestos igualmente gratuitos”. O pintor, por sua vez, respondia que arte não tem preço, e que, portanto, tampouco deveria ter conta a pagar. Discutiram por páginas inteiras sobre um valor que, no fim, correspondia a menos de um café.

Achei aquilo estranhamente reconfortante. Nenhum dos dois estava certo, e ambos sabiam disso, e ainda assim insistiam, como se a disputa em si fosse mais importante do que a sua resolução. Reconheço o hábito.

14

É verdade que sou um homem instável. Devasso, por vezes? Que seja! Ardiloso? Talvez. Criminoso? De modo algum. É fato que não tenho muito sucesso em controlar os meus pensamentos impulsivos. Vez que outra, encontro-me deliciado por questões moralmente questionáveis, ainda que seja única e puramente em um domínio abstrato. Agora, isso faz de mim um homem horrível? *Pas du tout*. Por acaso é crime abrir as pétalas de uma flor e sugar o pólen da sua antera? *Absolutely not!* Não há nada de nocivo nisso. Não se pode julgar alguém por suas conjecturas, assim como não se pode condenar um animal por agir de acordo com a sua natureza.

Digo com total certeza que eu jamais daria ação a esses pensamentos perversos. Ja-mais. Sou um homem sensato de ponta a ponta. Sou um homem correto até o último osso do meu corpo. Eu não sou um assassino. Definitivamente não sou um assassino.

15

Depois daquela noite, evitei sair de casa por alguns dias. Não por medo da polícia — friso, mais uma vez, que nada há do que temer, visto que sou inocente —, mas por uma súbita repulsa à minha própria vizinhança, ao meu próprio quarteirão, ao meu próprio reflexo na vitrine da padaria. Ela, satisfeita com o estrago que já havia feito, resolveu me

conceder uma trégua, mas não sem antes sussurrar, à queima-roupa, aquilo que mais temo ouvir: que eu jamais escaparia do lugar de onde vim.

Foi então que me lembrei da cabana.

Não a visitava desde o funeral, e nem sequer sei dizer com precisão quantos anos isso perfaz — a matemática do luto sempre me foi uma disciplina obscura. Lembro apenas que, na ocasião, jurei nunca mais pôr os pés lá, e jurei também nunca mais fumar, nunca mais beber, nunca mais confiar em ninguém; de todas essas promessas, não cumpri nenhuma.

Talvez fosse covardia. Talvez fosse instinto. Talvez fosse simplesmente a vontade de estar em um lugar onde ninguém soubesse me encontrar. Uma cabana esquecida, no meio do nada, tinha ao menos essa vantagem sobre qualquer outro esconderijo: nenhum mapa a assinalava.

16

Algumas semanas se passaram.

Em uma quinta-feira qualquer, decidi deixar a cidade e ir à antiga cabana de meus pais, no interior de uma cidade próxima. Preferi não ir de carro. Peguei um ônibus às quatorze horas, e em menos de três quartos de hora eu estava à beira da rodovia. Dali, uma caminhada de três quilômetros em estrada de chão foi necessária.

Lá chegando, usei o alçapão do porão para penetrar a cabana, posto que eu não tinha mais as chaves do lugar. Em instantes, instalei-me confortavelmente, sem me importar

nem com os ratos, nem com as baratas, e nem com o emaranhado de teias de aranha que preenchiam de uma ponta à outra o local.

Por sorte, tudo o que uma vez ali houvera, sem exceção, ainda ali permanecia. Isso incluía tanto os bens materiais quanto as comidas enlatadas; estas que, evidentemente, já não prestavam mais; talvez tivessem expirado mais ou menos na mesma época que os meus pais. O que mais me deixou contente, no entanto, foi ver que o antigo videocassete ainda funcionava. Não nego que seja deveras inusitado usar um aparelho assim. O fato de nem os seus sucessores — os DVDs — serem mais utilizados diz muito sobre o avanço do silício em poucos anos. Em todo caso, já que a oportunidade se fizera, vasculhei os armários à procura de caixas com fitas de filmes antigos, e, felizmente, sob um véu de mariposas mortas, encontrei aquilo que procurava.

Posso dizer com certeza que, não fosse por uma única fita, o fato de o videocassete ainda estar funcionando não seria de nenhuma utilidade naquela ocasião.

Inseri-a, fechei a tampa, e, inicializando aquela televisão de tubo, coloquei o braço na frente da tela só para que os pelos fossem arrepiados e, em consequência disso, uma sensação de nostalgia se desencadeasse.

17

O filme começou com uma cena fragmentada, onde pequenos lapsos eram inseridos a intervalos regulares, introduzindo um efeito de ruptura no fluxo da ação. Um

personagem desajeitado, esbaforido, entrava correndo de sala em sala, quase estourando as portas metálicas que separavam os cômodos do corredor.

Nessa cena inicial, o telespectador tinha a mesma perspectiva de uma câmera de segurança que estivesse posicionada em uma quina superior. Ele via o sujeito forçar a porta de um lado do corredor, desferindo golpes com o ombro, até que conseguisse abri-la, depois um hiato, seguido pelo mesmo indivíduo saindo daquela sala onde entrara e se dirigindo para a próxima, logo na diagonal, do outro lado do corredor. À medida que a perspectiva da câmera descia em direção ao solo, o mesmo ato se repetia inúmeras vezes. Algumas portas foram arrombadas com maior facilidade, outras nem sequer estavam trancadas. O ponto de vista era alternado em zigue-zague, dando a impressão de que o sujeito de fato avançava em alguma direção do corredor. Quando a câmera enfim atravessou o chão, o título do filme foi exibido.

Logo na sequência, iniciou-se uma cena em um local mudo, onde quatro homens de jaleco branco arrastavam uma pessoa trajada em uma camisola hospitalar. A câmera flutuou para uma perspectiva inferior, onde então o barulho de oito pés marchando descompassadamente passou a ser ouvido mais nitidamente. Era possível ver, ademais, os pés descalços do paciente sendo arrastados pelo chão. Simplesmente pelo formato do pé e pelas peludas pernas que agora inundavam a visão, era possível saber que se tratava de um homem adulto.

Os quatro homens então o levaram para uma sala completamente vazia, cujo teto, chão e paredes eram de um branco tão vibrante que causava dor aos olhos. Dentro dela,

não se tinha noção de espaço, dado que nem sequer as quinas eram visíveis. Eles arremessaram o homem ao chão, saíram e fecharam a porta. Enquanto o telespectador era forçado a contemplar aquela cena estranhamente perturbadora, onde um indivíduo inconsciente jazia no meio de uma sala vazia e psicologicamente opressora, deu-se início a uma melodia dramática. A crueza daquela filmagem estática, que pouco a pouco foi se distanciando até tomar a qualidade de uma tela de monitor e dela sair, era de algum modo dilacerante. E, como se isso não fosse o bastante, ao desviar o olhar por um instante e perceber as bordas da minha própria televisão, a cena tornou-se ainda mais absurda, de sorte que tomei consciência da *mise en abyme* que naquele momento se formava.

A noite já havia se instalado, mas a chuva fina continuava. Pausei o filme e fui até a cozinha fazer uma xícara de chocolate quente. Quando voltei, o filme já havia avançado um bom pedaço e ainda continuava rodando. Era um problema já conhecido desse videocassete, que, embora inconveniente, o tornava singular para mim.

Decidi não retroceder o filme, apenas deixá-lo rolar a partir daquele ponto. A cena que se desenrolava naquele momento mostrava um homem de jaleco branco lendo um documento extenso, escrito ao estilo Gordon. Conforme o focar da câmera, era possível ler alguns trechos realçados. Passagens como “o experimento mostra-se promissor” e “a insatisfação de George deve ser mantida a qualquer custo”, por estarem grifadas, eram facilmente perceptíveis. Não foi até mais adiante no filme que entendi o propósito do experimento. Aqueles cientistas buscavam encontrar a linha entre o concreto e o abstrato, forçando o cérebro humano ao

limite da loucura. Eles diziam para George que ele deveria encontrar algo que estava em uma das salas, porém sem especificar o quê. Esse algo, no entanto, não existia. E a sala branca, creio eu, seria o lugar onde o potencial de abstração de George seria aprimorado.

18

Coisa estranha. Ainda há pouco, eu estava lutando para manter as pálpebras abertas e terminar o filme. A cada instante, a sonolência fazia o seu arremate, deturpando as minhas chances de concluir o meu objetivo. Agora, vinte minutos mais tarde, depois de ter terminado o filme, não sinto mais sono. Em verdade, não consigo nem sequer pensar em dormir.

Como pode uma sonolência profunda ser sucedida por uma insônia devastadora?

19

Ainda buscando o sono que insistia em não vir, resolvi anotar, à luz de velas, alguns pensamentos que aquele filme me deixara entalados na garganta. Talvez escrever fosse a única forma de expulsar aquelas imagens da cabeça antes que o amanhecer as fixasse ali para sempre.

Há uma coisa que me irrita nos filmes, e que alguns livros, por outro lado, fazem muito bem: finais metafísicos. Existe uma beleza tão grande na ambiguidade que é deixada

pairando no ar, como um perfume borrifado ao acaso, mas com intencionalidade, forçando o leitor a inspirar o aroma que ali fora deixado, permitindo-o interpretar o sentido subjacente das coisas e as infinitas possibilidades de desfecho. Mais ou menos como os pintores abstratos que, conhecendo o seu público, compõem uma obra fabulosa, sem subestimar a sagacidade daquele que a interpretará.

[...]

Creio que a função do escritor seja justamente fazer justiça às palavras, principalmente àquelas que são pouco usadas ou que detêm o título de *antiquadas*. E se ele escreve um livro, é porque simplesmente não poderia deixar de fazê-lo. Ele deve destampar as feridas, tocar em temas sensíveis, denunciar, condenar, menear a cabeça frente à seriedade da burocracia, brincar com a futilidade do mundo financeiro, dar risada das preocupações banais da vida cotidiana, expor a condição humana até a sua raiz; às vezes, criar uma trama para entreter o leitor, mas inserir a sua exploração no plano subjacente; e, acima de tudo, manter o contrato com a verdade, rir sem debochar, acusar sem ofender, ironizar sem perder a postura. A meu ver, esse é o papel do escritor: engravidar uma ideia e desenvolvê-la até a sua maturidade, sendo sempre o maestro, de costas para o mundo, e jamais o pináculo, sustentado nos ombros da sua criação. A obra deve ser sempre mais importante do que o autor.

20

Tentei escrever hoje. Nada. Nem mesmo uma palavra conseguiu atravessar a nébula. Mas agora acho que faz sentido. Elas não querem ser enclausuradas em uma folha de papel e estocadas em uma pilha por décadas.

Fui buscar o jornal só no meio da tarde. Fiquei surpreso ao saber que avanços haviam sido feitos no caso do diplomata sueco. Tinham enfim encontrado o corpo.

Onde?

Enterrado ao pé de uma árvore, na mata.

Como?

Não foi revelado.

O mais chocante foi que o encontraram com a barriga aberta, desprovido de boa parte dos órgãos, incluindo os intestinos e o fígado.

— Circunstancial, no máximo — disse a mim mesmo, e fechei o jornal.

21

Estou certo de ter ouvido algo sair das tomadas. Uma palavra, talvez, ou algo semelhante. Não é a primeira vez, entretanto. Ontem à noite, ouvi algo que parecia ser um código Morse, mas eu estava cansado demais para prestar atenção. Parece absurdo, eu sei. Mas eu assino embaixo quando digo: eu tenho certeza do que ouvi.

Pode ser que a insônia tenha um dedo nisso. Já faz alguns dias que não consigo dormir direito. Pego no sono às duas da madrugada, acordo de sobressalto às três, volto a dormir só por volta das cinco e sou acordado pelo despertador às seis.

Ainda não consegui esquecer aquele maldito crime. Talvez eu não tenha nada a ver com ele, ou talvez eu tenha. Quem pode dizer? Só o tempo revelará isso.

22

Foi numa dessas madrugadas de zumbido e insônia, quando eu já não sabia mais distinguir o som real do imaginado, que a caneta, antes travada pela indecisão, começou a se mover sozinha sobre o papel — como se aquela mesma eletricidade que eu ouvia escapar das tomadas tivesse finalmente encontrado um canal por onde escoar.

A cada dia, eu escrevia mais e mais. Comecei a perceber o amontoado de canetas no canto da mesa, a infinidade de páginas que se formava em montes e mais montes. As frases simplesmente apareciam, como o fluir intermitente de água em um rio. Parágrafos iam se formando, trechos inteiros iam se construindo. Eu já não percebia o quanto escrevia, tampouco o tempo que eu passava escrevendo. Em todo caso, já não se tratava mais somente de compor uma história e anexá-la a uma ficção previamente existente. Não; era uma força-tarefa que eu mesmo havia orquestrado, uma forma de me manter sadio, operante.

O preço dessa ousadia, no entanto, era caro. Eu sabia que a partir de então os meus dias nessa existência estariam contados. De certa forma, eles sempre estiveram, mas agora o cronômetro apertava o passo, não tanto pela perturbação do fluxo natural da vida, mas porque, dentro de mim, esse feito histórico, profundamente subjetivo e talvez banal para as demais pessoas, havia dado sentido ao *eu* que aqui esvaecia e lá se fortificava. Todos aqueles momentos de profundo tédio, ao som do martelar seco ou à luz das divagações vazias, onde a impossibilidade de fazer qualquer coisa me congelava por inteiro, haviam valido a pena. Eu finalmente havia encontrado aquilo que George passara a vida inteira procurando e nunca fora capaz de visualizar. Fui eu, e não ele, quem conseguiu ter sucesso no experimento da percepção induzida.

23

Eu estava errado. Não tive sucesso em nada. Acabei de queimar todas as páginas que escrevi nas últimas duas semanas.

Pela milionésima vez este ano, Ela entrara gritando. Não à toa, as enxaquecas retornaram de imediato. Dessa vez, nem me dei ao trabalho de tentar resistir. Quão estúpido havia sido eu a ponto de imaginar que isso não ocorreria? Era óbvio que a minha euforia momentânea, a minha produção desenfreada e o meu objetivo ousado a trariam de volta. Ela não podia me ver alegre. Ela não suportava me ver contente.

Passei o primeiro dia inteiro em uma letargia quase total, imaginando qual seria o estrago que Ela causaria dessa vez. O que quer que fosse, uma coisa podia ser tomada como certa: Ela seria resoluta.

24

Desgraça! Acordei sem conseguir escrever. Não consigo nem sequer firmar a caneta na mão; ela vacila nos dedos, desliza, escapa. Quando tento erguer o braço, tremo feito vara verde, como se o peso de um membro do meu próprio corpo fosse simplesmente... insustentável.

Não consigo entender. Ainda ontem, tudo estava normal. Que súbita mudança poderia ter ocorrido em questão de um terço de dia?

Passei alguns minutos ponderando sobre o assunto. Não me era fácil engolir a ideia de que, após uma noite de sono, algo pudesse ter mudado, enquanto tudo parecia ser o mesmo. “Seria isso?”, me perguntava eu, “Ou isso era apenas o início?” Quero dizer, essa condição era o mal em si, o carrasco, o vigarista, a doença que poria fim aos meus dias de escritor, ou apenas uma manifestação minúscula, um traço borrado, um problema pequeno, um sintoma efêmero de algo possivelmente maior?

Fui para o médico. Ele me receitou alguns remédios e recomendou que eu repousasse o máximo possível. Disse ainda algumas outras coisas — das quais eu sinceramente não me lembro — e me indicou um tratamento que consistia

em ficar apertando uma bolinha a cada meia hora, por quinze minutos.

Não sei por que tipo de homem ele me toma, honestamente. Respeito a medicina, na medida em que ela não me trata como um paciente murcho e estiolado. Será que ele pensa que eu sou um cachorro? Meu colega de faculdade, Pluto, tinha um vira-lata chamado Charles, que adorava apertar as coisas. Quando não era um animal de pelúcia ou um trapo velho, era uma daquelas bolas terapêuticas que o neurologista me indicou.

Não quero que as pessoas sintam pena de mim. Pelo contrário, quero que me desprezem, que me odeiem, que se afastem de mim, que cruzem para o outro lado da calçada quando me virem ao longe. Espero que não olhem para mim, e, se olharem, quero que sintam nojo, aversão, náusea, repugnância. É isso.

25

Não é bem verdade o que eu disse há pouco. Eu ainda estava possuído de raiva por conta do tratamento que o médico tivera a coragem de me indicar. O fato de eu me contradizer é irrelevante. Mostra apenas que sou humano. Ademais, acho que descobri a origem do meu problema. Era Ela. Sempre fora Ela. Mas agora Ela cruzava o limite da tortura psicológica, tocando inclusive naquilo que eu considerava seguro da influência dela.

Comprei uma máquina de escrever. Sinto que é a única forma de contornar a minha condição.

26

Larguei a caneta ao lado da máquina de escrever e voltei, mais uma vez, ao livro de Pearl. O capítulo de hoje trazia outra dessas conversas insossas entre o pintor e o capitalista — dessa vez, sobre um contrato. O capitalista queria comprar, em bloco, cem quadros do pintor para revender como decoração de escritórios corporativos. O pintor recusava, alegando que arte em série deixava de ser arte e virava só um "produto com moldura". O capitalista respondia, sem se abalar, que tudo com moldura já era, tecnicamente, um produto — incluindo os quadros que o pintor tanto prezava.

Fechei o livro rindo sozinho daquela lógica capciosa. A bolinha terapêutica, que eu segurava distraidamente na mão esquerda — puro hábito imposto pelo neurologista —, escorregou da minha palma e sumiu debaixo do sofá. Não fui atrás dela.

Voltei à minha própria história, ao meu diplomata sueco, à minha floresta, à minha pá. Será que, se alguém tentasse comprar os meus manuscritos em bloco para emoldurar em escritórios, eu teria a dignidade do pintor ou o pragmatismo do capitalista? Suspeito, tristemente, que dependeria só do valor oferecido.

27

Meus manuscritos vão confessar o que eu fiz. Eles irão me entregar, mesmo que a minha mente negue tudo. Então por que eu não os queimo, assim como eu fiz com aquela porcaria dos últimos dias? Por que não os escondo? Por que não modifico a história a fim de *corroborar com a minha versão*? Até agora, tudo foi circunstancial, como eu disse. Nada me liga ao crime. Na-da. Exceto as minhas palavras, carimbadas em uma folha de papel. O porta-malas está limpo, quase novo.

Pensando bem, não é tão difícil reverter essa situação a meu favor. Se a polícia encontrá-los, digo que são parte de uma ficção que estou escrevendo. Simples assim. Um diplomata sueco ser a vítima não prova nada. Talvez apenas mostre que eu não tenho muita criatividade.

28

Voltei a pensar no livro de Pearl esta noite, sentado entre os meus próprios manuscritos — aquelas folhas que, segundo eu mesmo já havia decidido, um dia me trairiam. O trecho que lera mais cedo trazia o pintor e o capitalista jogando cartas, discutindo acaloradamente se um determinado lance era ou não válido segundo as regras que eles próprios haviam inventado anos atrás, e das quais nenhum se lembrava com exatidão. Cada um citava uma versão diferente da mesma regra, ambos convictos, nenhum

dos dois disposto a consultar um terceiro que pudesse desempatar a questão.

Fiquei pensando que talvez toda regra inventada por duas pessoas sozinhas seja, no fundo, uma forma de prolongar a companhia uma da outra. Brigar por regras é, de certo modo, uma maneira mais elegante de dizer que não se quer que o jogo, ou a conversa, termine.

Perguntei-me, não pela primeira vez, o que Pearl teria feito, ou deixado de fazer, para escrever sobre companhia da mesma forma que eu escrevo sobre solidão.

29

Encontrei-me com o neurologista hoje. Ele perguntou como eu estava, e eu disse que nada havia mudado. Perguntou também se eu estava tomando os remédios corretamente, ao que eu respondi apenas “Certamente”. Não acho que ele tenha acreditado em mim, embora fosse verdade. Pediu ainda se eu havia sentido algum efeito colateral, e eu só disse que me sentia um pouco mais “eufemizado”. Ele me olhou com o canto dos olhos, sem por isso tirar a caneta do papel, e fez algumas anotações.

Liberou-me depois de preencher a receita.

30

O jornal de hoje trazia o laudo do legista, finalmente divulgado semanas depois de o corpo ter sido encontrado.

Segundo o documento, a morte teria ocorrido na madrugada de terça-feira, entre as duas e as quatro horas — exatamente a janela em que eu me lembrava, ou julgava me lembrar, de estar ao pé daquela árvore, com as mãos cobertas de terra. Coincidência, seguramente. Já expliquei isso antes.

Havia também uma menção a marcas de pneu encontradas nas proximidades da mata, compatíveis com um modelo popular de sedã. O mesmo, aliás, que eu dirijo — e que quase toda a cidade dirige, dado ser o carro mais vendido do país nos últimos dez anos. Mera estatística, sem dúvida. Ainda assim, senti um frio percorrer a espinha ao ler aquilo, não porque me sentisse culpado — já disse —, mas porque a coincidência, por mais banal que seja, tem o hábito perverso de se disfarçar de destino.

Decidi, então, que era hora de eu mesmo procurar a polícia, antes que a polícia, de forma menos gentil, viesse até mim.

31

Soube, por acaso — ou talvez não tão por acaso assim, já que ultimamente pouca coisa me parece acidental —, que o rapaz do posto de gasolina havia prestado depoimento à polícia. Descreveu, segundo me contaram, um homem nervoso, “de olhar esquivo”, que fechara o porta-malas do carro com uma pressa que ele, o rapaz, jamais esquecera.

Fiquei a imaginar a cena pela perspectiva dele: um cliente qualquer, um porta-malas, um vômito discreto atrás do poste de iluminação. Nada ali, isoladamente, seria motivo

de escândalo. Mas o rapaz parecia ter guardado aquele instante com um cuidado quase religioso, como quem sabe, no fundo, que um dia aquilo será importante, mesmo sem entender exatamente por quê.

Não pude deixar de me perguntar se ele sempre observara os clientes com tanta atenção, ou se fui eu, especificamente, quem desde aquele dia passou a habitar as suas lembranças com um peso desproporcional. Há pessoas que carregamos sem saber; há pessoas que nos carregam sem que percebamos. Talvez eu tenha, sem escolher, virado um desses pesos que um estranho qualquer arrasta consigo para sempre.

32

A segunda testemunha, soube depois, foi a garçonete do restaurante onde eu costumava — costumava, friso o tempo verbal — almoçar sozinho. Disse aos investigadores que eu falava demais para quem estava sozinho, que gesticulava como quem debate com alguém invisível, que uma vez a chamara pelo nome errado e, ao ser corrigido, insistira educadamente que o nome errado era o certo.

Não nego nada disso. Tampouco confirmo. O que posso dizer é que sempre considerei aquelas conversas comigo mesmo perfeitamente produtivas. Mais produtivas, aliás, do que a maioria das conversas que tive com outras pessoas ao longo da vida, que quase sempre terminam em mal-entendidos ou em silêncios constrangedores — isso quando não acabam já nas saudações.

Se falar sozinho é sintoma de alguma coisa, prefiro não saber do quê.

Achei graça, confesso, em saber que ela reparava em mim com tanto detalhe, considerando que em nenhum momento aparentou fazê-lo enquanto me servia o café da manhã. Todos, ao que parece, colecionam alguém em segredo.

33

O comissário, segundo me relataram depois — porque, *é claro*, eu não estava lá para presenciar —, reuniu as evidências, os depoimentos, o laudo do legista e as marcas de pneu, e chegou a uma conclusão que ele mesmo parecia relutante em levar a sério: eu era, quando muito, um homem que *desejava* ser culpado. Um sujeito que, tendo fracassado em tudo o mais na vida, buscava desesperadamente o único protagonismo ainda disponível — o de vilão.

"Não é raro", disse ele a um subordinado, ou assim me contaram, "homens desse tipo. Sozinhos, fracassados, sedentos por importância. Preferem confessar um crime que não cometeram a admitir que nunca fizeram nada digno de nota." Havia, no entanto, uma ressalva incômoda em sua teoria, que ele próprio parecia hesitar em descartar: e se, por puro acaso, o homem patético estivesse certo dessa vez?

Gosto de pensar que foi essa dúvida, e não a compaixão, que o levou a autorizar o meu interrogatório formal. Um comissário competente não ignora nem mesmo o suspeito

mais ridículo, principalmente porque a ridicularização costuma ser o disfarce predileto da verdade.

34

Finalmente fui até a polícia. Nos últimos dias, eu havia juntado todas as provas que encontrara ao longo dos últimos meses, incluindo a embalagem de alvejante que eu usara para limpar o porta-malas do carro.

Contei a eles tudo o que havia acontecido. Um dos policiais que ouviam o meu depoimento pediu para eu descrever, *nas minhas próprias palavras*, o porquê de eu ter feito aquilo.

Comecei por dizer que, em uma confissão, quando se trata de um crime cometido por aquele que o narra, não poderiam sair da boca de um assassino palavras que não fossem as dele próprio. E complementei dizendo: você deveria saber disso.

Não sei por que, mas ele pareceu se sentir ofendido. Eu então continuei.

— Fiz o que fiz por não saber o que fazia. Se eu soubesse o que estava fazendo, não o teria feito. No entanto, não posso dizer que me arrependo.

— Como pode não se arrepender daquilo que não teria feito caso tivesse consciência da ação? — perguntou o outro policial.

— Como se chama? — perguntei.

— Irrelevante — respondeu ele.

— Veja, Seu Irrelevante — comecei —, arrepender-se diz respeito ao passado, a uma ação que, seja premeditada ou circunstancial, já foi finalizada. Desejar não ter feito algo caso soubesse o que estava fazendo refere-se a uma situação hipotética, inesboçável, mais ou menos como se uma situação semelhante ocorresse. *Capiche*?

— Foi, portanto, um homicídio impulsivo? — indagou o primeiro policial.

— Eu não diria que foi cometido por impulso, Doutor, posto que eu nem sequer me lembro de tê-lo cometido. Para começar, eu nem sequer conhecia esse tal diplomata. Se o encontrei, deve ter sido por acaso. Se o sequestrei, pode ter sido por engano. Portanto, se o matei, é provável que tenha sido inconscientemente.

— Está zombando de nós? — perguntou o Sr. Irrelevante.

— De modo algum.

— Como se sequestra alguém por engano? — perguntou-me ele.

— Como se mata alguém de modo inconsciente? — indagou o outro.

— Senhores... vocês estão fazendo as perguntas erradas. Pouco importa o modo. A questão não é saber como, mas por quê? Não o porquê do malfeitor; isso é irrisório. Precisamos saber o porquê da vítima. Por que o diplomata permitiu que eu o encontrasse? Por que deixou que eu o sequestrasse? Por que não impediu que eu lhe tirasse a vida? Acaso aquele que executa o crime é mais culpado do que aquele que nada faz para interromper o seu curso? Quem é a vítima, de fato: o alvo, que é penetrado pela flecha por uma causalidade, ou a

flecha, que é forçada a adentrar o alvo por ter sido impulsionada na direção dele?

— A culpa é do arqueiro. Nem a flecha nem o alvo devem ser responsabilizados — disse o Sr. Irrisório, que agora se apresentava como Louis. — Então, diga-me, quem é o arqueiro, na sua opinião?

— Não sou investigador, Louis. Não me faça fazer o seu trabalho. Você se preocupa com aquele que arremessou a flecha; eu me interesso pelo porquê de isso ter ocorrido. Procurar quem é o movimento em uma máquina ou a fertilidade em um composto orgânico é inútil. A pólvora é inflamada, o gatilho é puxado, a lâmina da guilhotina é liberada. Perguntar "quem é o arqueiro" é como perguntar "quem é a gravidade" que atua sobre a maçã que, desprendendo-se da árvore, move-se em direção ao solo. Você não deve procurar por "quem", mas um "por quê" que se alinhe com o desencadeamento dos eventos. Se um pássaro for atingido pela maçã que cai, não se questiona nem a gravidade, nem o estágio de maturação da fruta, mas as circunstâncias, isto é, o porquê de o pássaro estar lá naquele exato momento, e, novamente, por que razão se permitiu ser atingido. Um homem só pode ser responsabilizado por suas ações quando é efetivamente agente delas, e não quando foi o veículo pelo qual elas foram executadas. Vejam, eu não sou um sujeito determinista, e nem tento justificar o meu ato através de uma aberração tal qual uma abstração infundada; apenas entendo que certos acontecimentos são inevitáveis. É a História se desenrolando através de ações humanas. *Zeitgeist*. Napoleão tornou-se imperador através de um golpe de Estado, e então virou herói — apesar de, e, principalmente, por causa de — suas campanhas repletas de

genocídio. É um caso notável de alguém que conseguiu legitimar os seus atos através de um certo número de conquistas. Já Raskolnikov, pesado na balança da sua consciência, foi julgado menos leve do que ouro ou prata. Ele não falhou na sua empreitada por demonstrar humanidade; falhou exatamente porque sentiu culpa em relação ao que havia feito. Culpa, aliás, que de modo algum lhe era inata, mas que nele havia sido inculcada através das cláusulas de um acordo social tido como incontestável, ao qual ele não precisou dar a sua assinatura, mas consentiu simplesmente por ter nascido após a sua formulação. Abater milhares de porcos diariamente ou decepar centenas de árvores não é incorreto segundo o estatuto do gênero humano, pois o que convém à maioria é o desejo supremo. Vivemos em uma nação regida por números. Os zeros à esquerda não fazem diferença nenhuma. Roubar é um delito grave, mas a exploração laboral não só é permitida como também minimizada por várias esferas políticas, desde que, é claro, um insignificante valor por hora seja cumprido. Capitalismo ou feudalismo, que diferença faz? A pirâmide continua existindo. Trocamos senhores feudais por empresários e a Igreja pelo Estado. Grande evolução! E estamos preocupados com roubo, assassinato e distúrbios mentais, quando o alicerce da nossa sociedade está, ele próprio, inundado por crimes que favorecem a aristocracia? Por favor, senhores... Portanto, não me venham com esse amadorismo de “quem é o arqueiro?” Com base em que critério este interrogatório está sendo conduzido? Se eu sou um criminoso — o que eu acredito não ser —, então grande parte da humanidade também o é. Agora, se a hipocrisia social e a cegueira coletiva são aceitáveis quando se trata de

uma situação conveniente à maioria, então que eu seja julgado sob essa mesma lente.

35

Saí da delegacia sem saber ao certo se havia convencido alguém — nem mesmo, friso, a mim mesmo.

Para que aquele dia fosse bem-sucedido, penso que três elementos tenham sido necessários. Primeiro, o ritmo controlado. Nada, em tal momento, é mais importante do que a cadência dos atos. Deturpar o compasso da melodia, mesmo que de modo minúsculo, seria minar a minha chance de vitória. Foi necessário que tudo se realizasse em seu devido tempo, incluindo a aparição da primeira evidência. Segundo, a plausibilidade da dúvida. Nada que se provasse por inteiro, nada que se desmentisse por inteiro; apenas o suficiente para que a suspeita permanecesse ali, incômoda, sem nunca se resolver de um lado ou do outro. Por último, a estratégia. É provável que o grande objetivo tenha sido enganar a mim mesmo. Mas passar uma ficção por verdade, principalmente na mente daquele que a criou, é uma tarefa deveras árdua. Exceto quando ela chega de modo sorrateiro.

Parte do plano parece ter sido convencer os outros de que eu havia cometido o crime antes mesmo de eu tomar conhecimento sobre ele. Afinal, que melhor forma de inculcar a autodúvida em alguém do que forçar essa pessoa a questionar a sua própria sanidade mental? Creio que isso tenha ocorrido por meio das falsas evidências que surgiram de repente.

36

Depois que saí, ou pelo menos é o que imagino — porque, convenhamos, eu não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, ainda que ultimamente essa certeza me pareça cada vez menos garantida —, os dois policiais teriam permanecido na sala por um bom tempo, em silêncio.

“Ele achou que estava no comando”, teria dito Louis, ou o Sr. Irrelevante, tanto faz, guardando as anotações numa pasta já surrada. “Um discurso e tanto, mas é só isso: discurso. Homens desesperados sempre falam bonito. É a única coisa que lhes resta.”

O outro, segundo essa mesma versão que eu certamente inventei, ou certamente presenciei, teria hesitado antes de responder: “Talvez. Mas também tem aquela história do Humbert Humbert, sabe... Todo assassino, ao que parece, articula bem quando precisa se explicar.”

Gosto de acreditar nessa segunda versão. Prefiro imaginar que, por um instante ao menos, dominei aquela sala, que Napoleão e Raskolnikov não foram citados em vão, que a minha erudição comprada a duras penas em bibliotecas públicas serviu, finalmente, para alguma coisa. Mas há uma outra possibilidade, mais provável e bem menos lisonjeira: a de que eu tenha sido, aos olhos dos dois, apenas um homem patético articulando frases decoradas, um louco de dicionário na mão, tentando costurar erudição sobre delírio para não parecer tão só quanto realmente está.

A verdade, suponho, está em algum ponto insuportável entre essas duas versões. Prefiro não escolher.

37

De fato, o comissário de polícia tinha razão. Nada havia acontecido, ao menos não como eu imaginava. A história do diplomata efetivamente era de minha autoria; os manuscritos que eu encontrara há pouco tempo confirmavam isso. Quanto ao jornal, devo tê-lo fabricado em determinado ponto como elemento da história que eu escrevia. Curioso é que não lembro de nada disso.

O mesmo pode ser dito do episódio que eu tivera na floresta. Não me recordo de como cheguei lá, nem do que eu fizera na noite em questão. Talvez eu quisesse simplesmente me culpar por algo, me fazer ter ação em alguma coisa, mesmo que isso me tornasse um monstro aos olhos do mundo. Mas se não havia diplomata morto, o que é que eu havia enterrado? O que é que eu tentara esconder? O que é que eu tirara do porta-malas e saíra arrastando por uma trilha que eu depois apagaria?

Seria preciso descobrir.

38

Ainda naquela tarde, peguei o carro e fui em direção à loja de ferragens. Era preciso comprar uma pá. Não sei o que eu fizera da minha. O que me irritou, no entanto, foi ter que ficar esperando quinze minutos na fila do caixa.

Depois, voltei para casa. Eu havia esquecido de pegar uma lanterna. Obviamente, eu não iria comprar uma nova,

uma vez que já tinha umas quantas atiradas pela garagem. Tendo a lanterna em mãos, fui para a mata.

Quando lá cheguei, já era noite fechada. A desgraça da lanterna não quisera funcionar. Eu fizera uma viagem em vão para casa. Em todo caso, fui com o carro até onde a estrada permitia. Deixei os faróis ligados e segui pela trilha com o auxílio da luz. Quando ela já não mais iluminava o caminho, tive que ir me escorando nas árvores.

Cheguei ao ponto. Reconheci-o pelo aspecto da grande pedra que estava ao lado da árvore. A terra já não tinha mais aquela aparência de estar remexida. Era óbvio; fazia meses desde aquele episódio.

Tive uma sensação estranha; um frio na barriga, eu diria.

Firmei a pá na mão e comecei o serviço.

Não precisei cavar mais do que quinze polegadas.

Diante de mim, havia Ela; aquela que me acossava, que me perseguia, que me perturbava. Agora, Ela estava destroçada, despedaçada, aniquilada, des-man-te-la-da, largada em um buraco vazio, sob uma terra não demarcada. Quantos momentos de briga, quantos momentos de raiva. Ela me forçara a agir para fugir da estagnação, da inércia na qual Ela me colocava. Ela morrera da mesma forma que nascera. Talvez não tivesse vivido por mais do que um breve instante; porém a sua sombra perdurara por um longo período. Por quantos dias Ela fora a força que me mantivera petrificado? Ironicamente, agora era Ela quem estava imóvel. Eu já não era mais a sua vítima. A minha doença agora era outra.

Voltei a tampar o buraco. Embora eu não tivesse encontrado o que procurava, consegui ao menos validar a minha insanidade dos últimos meses, e enterrar sob o peso

daquelas quinze polegadas de terra — nem mais, nem menos —, uma parcela do meu passado sombrio.

39

Não sinto mais nada. Nem fome, nem sede, nem raiva, nem vontade de morrer. Só essa lucidez doentia que me acompanha como um cão que já não consegue mais latir. As pernas não têm mais força; os braços, menos ainda. A caneta não escreve mais; o papel já não aceita as minhas palavras; a minha memória não armazena mais lembranças e a minha consciência já não interage mais com o mundo. Até o pensamento parece estar ficando mais nebuloso.

Se levanto da cama dia após dia, é por conta do hábito. O infeliz não quer me deixar ocioso. Acordo exausto; passo o dia moído; me deito esgotado. Arrasto-me pela casa como um homem condenado, desprovido de esperança, que apenas aguarda o dia de uma execução que nem sequer tem data definida.

Nem a televisão eu suporto mais. Toda aquela ingenuidade massiva, as preocupações fúteis, as conversas banais, as investidas diplomáticas e a atualização do mercado financeiro já não fazem mais nenhum sentido para mim.

Abandonei o xadrez também. Nem sei por que diabos eu ainda jogava aquela porcaria sozinho. Talvez fosse pela emoção de nem sempre ganhar.

[...]

Acabei de encontrar um pedaço de papel velho com um trecho que escrevi uns anos atrás, poucos dias após mamãe adoecer.

> *Justo agora, sentado na sala de espera, confinado entre as quatro paredes deste hospital no qual mamãe provavelmente sucumbirá, um pensamento estranho me veio à mente: não pude deixar de supor que eu fosse um impostor infiltrado na minha própria vida; um sujeito imoral, vigarista, do tipo que manipula os próprios pensamentos a fim de corroborar com a sua versão. Mas é sequer possível que tal dualidade exista dentro de uma única mente? E se existir, quem garante que o impostor não seja, na verdade, um herói, tentando derrubar o manipulador que lá primeiro estava?*
>
> *Pensando bem, isso daria uma ótima ficção.*

Isso esclarece muita coisa. Em todo caso, não sei mais se penso da mesma forma. Eu definitivamente não penso da mesma forma. Não creio que haja heróis combatendo impostores, apenas impostores que buscam vencer e substituir outros impostores.

40

Os dias que vieram depois foram, em sua maior parte, indistintos uns dos outros; um mesmo trapo cinza esticado sobre o calendário. Se algo mudou, foi apenas em meu corpo, que parecia decidido, com ou sem a minha permissão, a seguir seu próprio curso de deterioração.

Os tremores se tornaram mais frequentes. Dia após dia, eu me via cada vez mais impossibilitado de fazer as atividades que outrora eram simples. Não enxerguei outra saída a não ser procurar o médico.

Tudo aconteceu muito rápido. Ainda naquela tarde em que fui consultar o clínico geral, eu seria encaminhado ao neurologista — o mesmo que me recomendou a terapia da bolinha —, que, após a realização de alguns exames, compartilharia o meu caso com um dos psiquiatras do hospital.

Fiquei plantado na sala de espera por um período indeterminado. Nesse meio tempo, vi alguns infectados pelo silício chegarem, passarem pelo processo de triagem, e, a depender do estado, serem levados para alguma outra sala. Outros só ficavam ali, parados, completamente absorvidos. Tentei ao máximo manter distância.

Em dado momento, fui chamado à sala do tal psiquiatra.

Ele me disse que as alucinações que eu tenho tido são sintomas da minha condição; que o meu isolamento social havia não apenas aumentado a frequência e a intensidade com que elas ocorriam, mas também deslocado o quadro de algo que inicialmente era inofensivo para um estágio degenerativo.

Eu me recuso a acreditar nisso. “Isso é besteira”, foi o que eu disse para ele. Eu não sou um homem doente. Eu nunca fui um homem doente. Eu sou um homem atormentado. Eles estão tentando demonizar a minha escolha de ficar sozinho. Querem forçar medicamentos pela goela abaixo. Pois eu não serei a cobaia desse experimento.

41

Quis reler o livro de Pearl esta tarde. Não sei bem por quê, talvez em busca de algum consolo, ou de uma companhia mais silenciosa do que... Enfim, folheei direto até a última página, aquela que eu já conhecia de cor: a passagem em que o narrador finalmente admite não saber dizer quem, entre o pintor e o capitalista, estava certo — se a razão ou a fé tinham mais controle sobre o próprio domínio —, e que sempre terminava com aquele mesmo advérbio solto, uma promessa que nunca se cumpria de fato.

Dessa vez, porém, as palavras não colaboraram. Olhei para a página e vi apenas formas: as letras pareciam se contorcer, se sobrepor, trocar de lugar entre uma piscada e outra, como pequenos insetos negros que se recusavam a permanecer em fila. Tentei focar em uma única palavra — *truly* — e ela se desfez diante dos meus olhos, tornando-se primeiro *truy*, depois *tuly*, depois nada, um amontoado de traços sem significado algum.

Fechei o livro com as mãos trêmulas. Não era a mesma sensação de antes, quando a frase inacabada me provocava um deleite quase doloroso por sua ambiguidade, e as brigas bobas do pintor e do capitalista, capítulos atrás, ainda me pareciam uma companhia leve e pueril. Agora, essa mesma leveza havia se tornado agonia pura — não porque o sentido faltasse, mas porque eu já não conseguia alcançá-lo, por mais que meus olhos insistissem em vasculhar aquelas linhas cegas.

42

Estou um pouco mais calmo. O que o psiquiatra disse até que faz sentido, olhando para trás. Todos os sinais apontavam para isso. Eu não queria acreditar que era verdade. Tentei de todas as formas negar o diagnóstico, mas nada mudava o fato de que a minha condição permanecia a mesma.

Talvez tivesse sido Ela que, se vendo vencida, encontrara uma outra forma de me atormentar. Seu antigo aspecto havia morrido, mas a sua obstinação jamais cessaria. A sua força me empurraria sempre em direção à estagnação, e a sua sombra continuaria a manter o meu caminho obscuro.

Olhei para o ponteiro do relógio; ele agora se movia mais lentamente. Um segundo já não era mais um segundo. Talvez fosse um segundo e meio, quem sabe?

Ainda há pouco, bem alto no céu, vi um pássaro parado no ar — completamente inerte.

Homens como o psiquiatra diriam que o problema do relógio era a pilha; que bastaria trocá-la para que ele voltasse a funcionar normalmente. Diriam também que o pássaro voava contra o vento, e por isso passava a impressão de estar estagnado em pleno ar. Eu digo que não.

43

Novamente, aquele sonho havia retornado. Pensando agora, talvez não tenha sido exatamente o mesmo. O

episódio foi semelhante, em todo caso. Eu caminhava pelo cemitério, sozinho, assim como nas outras vezes, e, chegando ao final do declive, passando pela floresta, encontrava-me diante de um grande precipício, cujo fundo era tão escuro quanto o vazio do universo. Do outro lado, as gralhas continuavam voando ao redor da enorme igreja de madeira. O céu permanecia cinza e uma leve brisa gélida ainda podia ser sentida, exatamente como antes. O sujeito loiro de sobretudo preto outra vez se encontrava diante da pinguela. Eu fui até ele, invariavelmente, e perguntei que horas eram. Dessa vez, no entanto, ele não me respondeu. Subiu na pinguela e foi em direção à outra margem. Eu o segui com os olhos por um momento, e quando o vi entrando na igreja de madeira, decidi atravessar também, meio que a contragosto. A travessia foi penosa. A cada passo que eu dava, as madeiras produziam um estalido seco e apavorante. A brisa gélida, por algum motivo, me deixava ainda mais apreensivo. Uma vez do outro lado, me senti um pouco mais tranquilo. A igreja, que de longe já era enorme, de perto era colossal. Estar em um estado precário, de qualquer modo, não diminuía a sua imponência. Fiquei hesitante. Não sabia se devia ou não entrar. Sempre me foi torturante entrar em igrejas. Uma sensação de sufocamento se apossava de mim no minuto mesmo em que eu desse o primeiro passo porta adentro, como se algo estivesse espremendo os meus pulmões e queimando as minhas vísceras. Por sorte, não precisei decidir. Em pouco tempo, vi o homem saindo por uma porta lateral. Segui ele mais uma vez. Após uns quinze passos, ele se sentou em uma pedra qualquer e acendeu um cigarro. Aproximei-me dele.

— O que te traz a esse lado? — perguntei, sem pensar muito.

Ele me olhou de um modo indiferente e, exalando a fumaça, disse:

— Falta pouco.

Fiquei confuso. Não sabia do que ele estava falando.

— Para quê? — perguntei, olhando ao redor.

Não respondeu. Reiterei a minha primeira pergunta.

— Então... O que te traz a esse lado? Se não for incômodo perguntar.

Ele me olhou de modo inexpressivo.

— Pouco importa o que me traz a este lado — replicou ele. — A real questão é o que *te* traz a este lado.

Eu não sabia o que responder.

— O que é esse lugar? — indaguei.

— Não é um lugar — respondeu ele de modo resoluto —, é um estado. Um ao qual se vai e do qual não se volta.

— Mas há a pinguela... — comentei.

— Sim, há a pinguela — confirmou ele —, mas ela é apenas um meio. Não é a ausência de uma ponte que torna o retorno impossível; é o próprio motivo que o trouxe aqui em primeiro lugar. Por isso, eu retomo a pergunta: o que te traz a este lado?

Ponderei por um instante. Respondi com certa hesitação:

— À procura de algo, talvez...

— O que, exatamente?

— Não sei dizer.

Ele voltou ao seu cigarro.

— Eu não sei... — disse como que para mim mesmo — De alguma forma... é como se eu estivesse vivenciando a minha própria versão do experimento de George.

— George, o curioso? — perguntou o homem.

— Não... — respondi. — É outro George.

Passaram-se alguns minutos. Ele terminou o cigarro e, agora profundamente interessado, questionou:

— E o que ocorre nesse experimento?

— Desde a sua infância, até a sua velhice, George percorre os corredores de uma enorme fortaleza, entrando de sala em sala, à procura de algo que lhe dizem existir. No último momento, quando George já está extremamente velho, um dos cientistas que o acompanha escreve a seguinte frase com peças de letras em madeira: "*There is something to find*", e George inverte a posição do "*is*", colocando-o na frente do "*there*".

— Interessante. Me lembra o último livro de Pearl. Não era com essa a frase que ele terminava?

— Não. Pearl nunca terminou seu último livro — respondi, de modo confiante.

Houve um silêncio. O homem então puxou um livro do bolso, acendeu um novo cigarro, folheou até a última página e começou a ler.

— "*Whether it was the capitalist or the painter who was right, I couldn't say. Reason, just like faith, isn't always in control of its own realm. That's why the big questions still haunt us. Perhaps, there is no answer to any of them. They are ghosts brought to life and never put to sleep. That may also be the reason why, on starry nights, I choose to lie down on the floor and think to myself: Truly,*"[1]

[1] *"Se era o capitalista ou o pintor quem estava certo, eu não saberia dizer. A razão, assim como a fé, nem sempre está no controle do seu próprio reino. É por isso que as grandes questões ainda nos assombram. Talvez não haja resposta para nenhuma delas. Elas são fantasmas*

— *Is there something to find?* — completei, admirado.

Parecia-me absurdo que a resposta estivesse diante dos meus olhos durante todo esse tempo.

Logo na sequência, o homem se levantou. Dirigiu-se até mim e estendeu-me o livro e uma caneta azul.

Com efeito, a frase final estava incompleta, assim como no exemplar que eu havia lido. Pearl nunca escrevera aquela frase no papel.

Fiz o que devia ser feito.

Em poucos instantes, o homem terminou seu segundo cigarro. Devolvi-lhe o livro, a caneta, e fiz aquela pergunta estúpida de sempre, sem saber bem o porquê:

— A propósito, que horas são?

Dessa vez, ele me olhou de um modo afável, e enquanto guardava os dois objetos no bolso interno do sobretudo, disse:

— É hora de descartar o relógio.

Quando acordei, debruçado sobre os meus manuscritos, encontrei pintor e capitalista, sentados lado a lado em cadeiras de palha, aguardando a minha chegada.

---

trazidos à vida e nunca postos para dormir. Também esse pode ser o motivo pelo qual, em noites estreladas, eu escolha me deitar no chão e pensar comigo mesmo: verdadeiramente, [há algo a encontrar?]”, em tradução livre do inglês.